

AUTORES/ORGANIZADORES

Ramon Gomes
Sérgio Augusto Abrahão Morato
Pedro de Oliveira Calixto
Lucas Reinert Laufer Pereira Mendes

AUTORES/COLABORADORES


Fabiano Rodrigues de Melo
Michel Miretzki
Michel Barros de Faria
Analice Maria Calaça
Aquila Fialho de Oliveira



**GUIA FOTOGRÁFICO
DE IDENTIFICAÇÃO
DE MAMÍFEROS
TERRESTRES E
AQUÁTICOS DA
FLORESTA NACIONAL
DE SARACÁ-TAQUERA,
ESTADO DO PARÁ**







GUIA FOTOGRÁFICO DE IDENTIFICAÇÃO DE MAMÍFEROS TERRESTRES E AQUÁTICOS DA FLORESTA NACIONAL DE SARACÁ-TAQUERA, ESTADO DO PARÁ

AUTORES/ORGANIZADORES

Ramon Gomes¹

Sérgio Augusto Abrahão Morato¹

Pedro de Oliveira Calixto¹

Lucas Reinert Laufer Pereira Mendes¹

AUTORES/COLABORADORES

Fabiano Rodrigues de Melo²

Michel Miretzki

Michel Barros de Faria³

Analice Maria Calaça

Aquila Fialho de Oliveira⁴

DESIGN GRÁFICO

Anderson Flavio Viana

1 STCP Engenharia de Projetos Ltda., Curitiba, PR

2 Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, Jataí, GO

3 Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus Carangola, Carangola, MG

4 MRN - Mineração Rio do Norte, Porto Trombetas, Oriximiná, PA



Ficha catalográfica

Guia fotográfico de identificação de mamíferos terrestres e aquáticos da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará / Ramon Gomes...[et al.]. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.; Porto Trombetas: MRN – Mineração Rio do Norte S.A.; 2014; 95 p.: il. ISBN: 978-85-68814-01-7

1. Mastozoologia. 2. Mamíferos terrestres. 3. Mamíferos aquáticos. 4. Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Pará. i. Ramon Gomes. ii. Sérgio Augusto Abrahão Morato. iii. Pedro de Oliveira Calixto. iv. Lucas Reinert Mendes. v. Fabiano Rodrigues de Melo. vi. Michel Miretzki. vii. Michel Barros de Faria. viii. Analice M. Calaça. ix. Aquila Fialho de Oliveira.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme Decreto nº1825, de 20 de dezembro de 1907.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

2014



CONSULTORIA
ENGENHARIA
GERENCIAMENTO

www.stcp.com.br

Prefixo Editorial: 68814

Número ISBN: 978-85-68814-01-7

Título: Guia fotográfico de identificação de mamíferos terrestres e aquáticos da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, estado do Pará.

Curitiba, Outubro de 2014

Citação recomendada

Gomes, R.; Morato, S.A.A.; Calixto, P.O.; Mendes, L.R.; Melo, F.R.; Miretzki, M.; Faria, M.B.; Calaça, A.M.; Oliveira, A.F. Guia fotográfico de identificação de mamíferos terrestres e aquáticos da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.; Porto Trombetas: MRN – Mineração Rio do Norte S.A.; 95 p., 2014.

Realização



CONSULTORIA
ENGENHARIA
GERENCIAMENTO

Colaboração Institucional



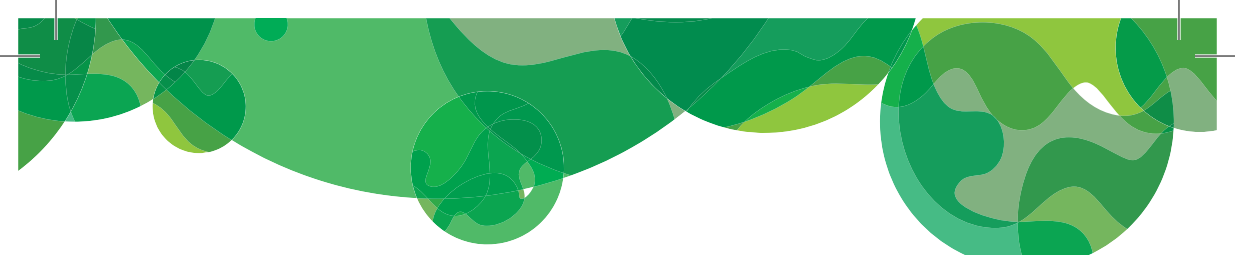
Colaboração Institucional





AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram de muitas formas para que este trabalho pudesse ser realizado. Diversos colegas nos prestaram informações sobre determinadas espécies, enquanto outros gentilmente nos cederam fotos que ilustram as páginas desse livro. Assim, expressamos nossos mais sinceros agradecimentos aos seguintes amigos: Ana Carla Rodrigues, Danielle Lima, Diego Silva, Fabrício Locatelli Trein, Fernanda Stender de Oliveira, Geraldo Fernandes, Jairo Moura de Oliveira, Joana Gomes Tono Matuella, João Batista da Silva, José Manoel dos Reis (in memoriam), Kleber do Espírito-Santo Filho, Laércio Barbeiro, Luciano



Moreira Ceolin, Marcio Coutinho Pelissari, Sara Machado, Sidcley Matos, Maria do Socorro Amorim, Thiago Gomide, Viviane Sodré e Guilherme Nunes Ferreira. Agradecemos também a todos os nossos colaboradores de campo, oriundos das comunidades quilombolas do Moura e do Boa Vista, os quais jamais pouparam esforços nos trabalhos. E, logicamente e principalmente, nossos mais sinceros agradecimentos a Milena Alves Moreira e a Eduardo Simões da Silva, Gerentes da MRN, e a Ivan Tomaselli e Joésio Deoclécio Pierin Siqueira, Presidência da STCP, sem os quais este projeto não teria sido concretizado.



INTRODUÇÃO

A Amazônia compreende a região que agrega a maior biodiversidade do planeta. Atualmente, o bioma contempla o registro de aproximadamente 40.000 mil espécies de plantas, 3.000 espécies de peixes e 3.200 espécies de outros grupos de vertebrados, além de um número ainda imensurável de insetos, aracnídeos e de outros grupos de pequenos, singulares e muitas vezes esquecidos organismos, como fungos, anelídeos e moluscos, somente para citar alguns exemplos. Esses valores, que tendem ainda a crescer mesmo para os grupos melhor conhecidos, por si só demonstram a importância deste bioma como um patrimônio biológico mundial. Por sua vez, ao levarmos em consideração que a área de ocorrência dos domínios amazônicos representa cerca de 4% das terras emergentes do planeta, e que esta pequena porção contém cerca de 10% das espécies conhecidas e descritas formalmente, eleva-se ainda mais o seu significado e importância.

A mastofauna consiste em um dos grupos faunísticos mais conspicuos do bioma amazônico. Tanto naquele bioma como em toda a América do Sul e em praticamente todas as demais regiões do globo terrestre, os mamíferos mostram-se como um grupo altamente diversificado, possuindo representantes em todos os três tipos de ambientes (aquático, terrestre e aéreo) (Reis et al., 2011). Tão grande é a importância do grupo, que os mamíferos são tratados como elemento vital da cultura e da religião de vários povos, que utilizam pele, ossos e dentes para as mais variadas finalidades (Cuarón, 2000). Desempenham os mais variados papéis nos ecossistemas do qual fazem parte, sendo considerados importantes agentes polinizadores, dispersores e predadores, regulando e mantendo o equilíbrio de populações a eles associados e contribuindo diretamente para o bom funcionamento dos ecossistemas (Mora et al., 1999; Fragoso & Huffman, 2000; Galetti et al., 2001; Weckel et al., 2006). Dessa forma, podem ser considerados importantes agentes bioindicadores da qualidade do ambiente.

No Brasil, estima-se que existam 701 espécies conhecidas e devidamente catalogadas (Paglia et al., 2012), sendo os grupos específicos de pequenos mamíferos e dos primatas (Rodentia, Didelphimorphia, Chiroptera e Primates) os mais representativos, abrangendo cerca de 80% de toda a fauna de mamíferos



brasileiros e exercendo variadas funções no meio ambiente (Bonvicino et al., 2008; Reis et al., 2011; Paglia et al., 2012; Mittermeier et al., 2013).

Muitos mamíferos, principalmente os de médio e grande porte (i.e., com mais de 1 kg de peso), são particularmente sensíveis a qualquer perturbação em seu habitat e se encontram em listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção, como a Lista Mundial para Conservação da Natureza (IUCN, 2014) e a Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (Machado et al., 2008). Na Amazônia brasileira, por exemplo, a porcentagem de espécies ameaçadas chega a 7% (Costa et al., 2005). As principais ameaças são a fragmentação e perda de habitats e a caça, esta última sendo particularmente favorecida pelo primeiro distúrbio. Esse fenômeno tem sido intenso nos últimos anos e tem sido apontado como um dos direcionadores do processo de extinção em massa que se tem presenciado atualmente em várias regiões brasileiras (Sala et al., 2000).

A Amazônia, por sua vez, é considerada uma das regiões com maior riqueza de mamíferos e aquela a salvaguardar as maiores populações do grupo, mas com pouco conhecimento sobre a distribuição local das espécies (Grelle, 2002). Esse déficit representa uma perda muito grande de informações, principalmente pelo fato da fragmentação de habitat ser uma das maiores ameaças à biodiversidade e ocorrer constantemente no bioma devido, principalmente, ao desenvolvimento socioeconômico irregular da região (Fearnside, 2005; Grelle, 2005). Muitos autores ressaltam a importância de uma inserção regulada e controlada da ocupação do território do bioma e do desenvolvimento de ações de manejo e recuperação ambiental (Cuarón, 2000; Henle et al., 2004; Costa et al., 2005; Fearnside, 2005). Nesse sentido, vários trabalhos têm destacado a importância das espécies de mamíferos para o restabelecimento de processos importantes do ecossistema em ambientes alterados, principalmente no que se refere à dispersão de sementes a longa distância, já que muitos mamíferos de médio e grande porte possuem ampla área de vida e boa capacidade de dispersão (Henle et al., 2004; Matías et al., 2010).

A MRN - Mineração Rio do Norte S.A., empresa que atua na produção de bauxita há mais de três décadas dentro da FLONA de Saracá-Taquera, vem realizando estudos sobre sua mastofauna há mais de 12 anos, tornando a FLONA uma das

poucas áreas da região Amazônica que conta com estudos de longo prazo sobre o grupo. Apesar de advindos de projetos específicos do licenciamento ambiental aos quais a MRN está sujeita, a repetitividade das técnicas utilizadas, a amplitude das áreas amostradas e o tempo de estudo facilitam enormemente a compreensão da comunidade de mamíferos que habita esta região da Floresta Amazônica. O presente guia, por exemplo, foi elaborado como uma das medidas adotadas pela MRN para a minimização e compensação de seus impactos ambientais. Sua principal finalidade é permitir aos técnicos que atuam nas atividades de resgate e afugentamento de fauna, que se desenvolvem previamente à abertura de novas frentes de lavra, possam identificar as espécies existentes em cada local e efetuar adequadamente seu manejo (o qual consiste em respeitar os ambientes de ocorrência, horários e modos de vida de cada espécie no momento de sua realocação no ambiente). Além disso, este guia representa o “estado da arte” do conhecimento sobre a mastofauna regional.

Neste livro, não considerando as espécies da Ordem Chiroptera, listamos 65 táxons que incluem todas as outras 11 ordens brasileiras, representadas por 28 famílias. Esse número é quase 10% de todas as espécies de mamíferos que ocorrem no Brasil e demonstra a importância da FLONA para a conservação das espécies nativas do nosso país. Entretanto, mesmo retratando mais de 12 anos de pesquisas e monitoramentos que vimos realizando na FLONA, ele não deve ser entendido como uma palavra final sobre os mamíferos existentes naquela Unidade de Conservação. Certamente ainda há muito que se descobrir. Basta citar que, nos últimos três anos, pudemos ampliar a área de distribuição conhecida de pelo menos três espécies e descobrir ao menos uma nova forma até então desconhecida para a ciência (o roedor *Echymys* sp., apresentado neste guia).

Por fim, é preciso que se diga que, muito embora ainda estejamos gerando o conhecimento sobre a composição da fauna regional e novas descobertas ainda tenham lugar nesse processo (ocasionando consequentemente fortes preocupações sobre a conservação das espécies), atividades produtivas como a mineração devem continuar a ser desenvolvidas na FLONA. Afinal, por meio de tais atividades, esforços significativos na geração de conhecimentos e na proteção do patrimônio biológico local são realizados, na medida em que a produção mineral é acompanhada de ações de manejo, recuperação e monitoramento ambiental, que são desenvolvidas em conformidade com a legislação ambiental brasileira. Assim, embora pareça paradoxal, a presença de uma empresa responsável, cujas atividades são sujeitas a licenciamento e controle ambiental, auxilia significativamente os órgãos ambientais na proteção da biodiversidade e na produção de conhecimentos da FLONA, culminando inclusive na publicação deste guia.

A FLONA DE SARACÁ-TAQUERA

Florestas Nacionais são unidades de conservação de uso sustentável previstas no SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Lei Federal nº 9985/2000). Consistem em áreas com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e que têm como objetivos básicos o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável de florestas nativas. Dependendo de seus objetivos de criação, podem contemplar atividades minerárias, respeitada a legislação específica em vigor.

A Floresta Nacional (FLONA) de Saracá-Taquera foi criada em 1989 com os objetivos de utilizar de forma sustentável os recursos da floresta, permitir a mineração local e permitir o desenvolvimento de pesquisas científicas em diferentes âmbitos. Sua área é de aproximadamente 441.280 hectares, e está localizada na margem direita do rio Trombetas, entre os municípios de Terra Santa, Oriximiná e Faro, no oeste do Estado do Pará. A biomassa da floresta é das mais altas já encontradas. Além de possuir altos índices de diversidade de fauna e flora, a FLONA é adjacente à Reserva Biológica do Rio Trombetas, e em conjunto compõem as UC federais do rio Trombetas, responsáveis pela proteção de cerca de 800.000 ha do bioma Amazônico. Na FLONA existe ainda a produção de bauxita pela Mineração Rio do Norte S.A. (MRN), que explora o minério desde 1976, portanto em período anterior à criação da UC.

Geograficamente, a FLONA de Saracá-Taquera localiza-se na região do Escudo das Guianas, ao norte do rio Amazonas. De acordo com a classificação RADAM (1976), insere-se na unidade do Planalto Dissecado Rio Trombetas - Rio Negro, limitada a norte pelos relevos residuais da borda norte da Bacia Sedimentar do Amazonas. Esta unidade possui relevos tabulares (platôs), cujos topos foram aplainados pela pediplanação plio-pleistocênica e cujas encostas ravinadas foram marcadas por morfogênese úmida. Em meio aos platôs ocorre uma rica rede de pequenos cursos d'água (igarapés), que ora desaguam diretamente nos grandes rios Trombetas (ao norte) e Nhamundá (ao sul), ora em grandes lagos que margeiam esses cursos d'água. As maiores altitudes atingem entre 130 e 270m, e as menores entre 80 e 60 m.

Em uma escala mais proximal, a FLONA insere-se ainda no Domínio Morfoclimático dos Planaltos Dissecados e Áreas Pediplanas da Amazônia, caracterizado por condições pluviométricas que registram entre 10 a 25 dias secos no ano e temperatura média mais fria superior a 15º C. Esta situação é confirmada pela presença predominante de Florestas Densas, típicas do sistema intertropical úmido. O clima é caracterizado como Equatorial Quente úmido com os

meses de agosto, setembro e outubro sendo os mais secos do ano e fevereiro, março e abril os mais chuvosos. Em média, a precipitação pluviométrica anual é em torno de 2.000mm e a umidade relativa média do ar é superior a 80%.

Mapa de Localização da FLONA de Saracá-Taquera



Do ponto de vista fitogeográfico, a FLONA de Saracá-Taquera situa-se no Domínio das Terras Baixas Florestadas da Amazônia (Ab'Saber, 1971). Segundo a classificação fitogeográfica do IBGE (1984), ainda, a sua cobertura vegetal encontra-se predominantemente inserida dentro da Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas ou Floresta Pluvial Tropical de Terras Baixas. Esta tipologia florestal é dependente de alto índice pluviométrico e apresenta uma densa biomassa vegetal, abrigando a maior diversidade de espécies animais da região. Caracteriza-se por conter dois estratos distintos: um emergente contendo indivíduos arbóreos de grande porte (com grande destaque a *Bertholletia excelsa* - castanheira-do-Brasil, *Dinizia excelsa* - angelim-pedra e *Cedrelinga catenaeformis*

- cedrorana) e um estrato inferior uniforme, onde há uma elevada presença de espécies de médio a grande porte.

Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas presente na FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

Além da Floresta Ombrófila Densa, a vegetação da FLONA é ainda caracterizada pelas Florestas Aluviais, as quais ocorrem nos vales dos pequenos rios e igarapés e são condicionadas pelos regimes de cheias e secas. Tratam-se de florestas de menor porte e diversidade em relação às Florestas de Terras Baixas e onde se observam por vezes altas concentrações de palmeiras, em especial o açaí (*Euterpe oleracea*). À medida que tais florestas se aproximam dos lagos e dos grandes rios em menores declividades e altitudes, uma gradativa mudança é observada na composição florística, e esta floresta é substituída pelos Igapós, que consistem em ambientes periodicamente inundados e cuja vegetação é altamente tolerante ao fenômeno das cheias. Os igapós podem ser predominantemente compostos por indivíduos arbóreos quando localizados na foz dos principais igarapés, sendo chamados pelas comunidades regionais de florestas de igapó, ou arbustivos, conformando as várzeas dos grandes rios e lagos da região e sendo denominados pelos ribeirinhos de chavascais.

Por fim, outro importante ambiente presente nas proximidades da FLONA, porém ainda não constatado em seu interior, é a Campinarana, a qual consiste em uma vegetação predominantemente arbustiva e esparsa que se desenvolve sobre solos pouco consolidados, em geral arenosos ou areno-argilosos. Este ambiente é presente principalmente ao sul da Unidade.

Além dessas principais formações, na FLONA ocorrem ainda ambientes que, embora de difícil demarcação nas escalas de mapeamento que são utilizadas, apresentam sua significância para a fauna. Dentre tais ambientes destacam-se as clareiras em meio à floresta e os banhados que se formam durante períodos chuvosos. Ambos são ambientes condicionados por eventos climáticos como chuvas e ventos, pela declividade do terreno ou pela própria sucessão temporal da vegetação. Tratam-se de ecossistemas de grande importância na dinâmica e na diversidade da fauna regional por propiciarem recursos alimentares e ambientes adequados para a reprodução (especialmente no caso dos banhados para anfíbios).

Floresta Aluvial presente na FLONA de Saracá-Taquera

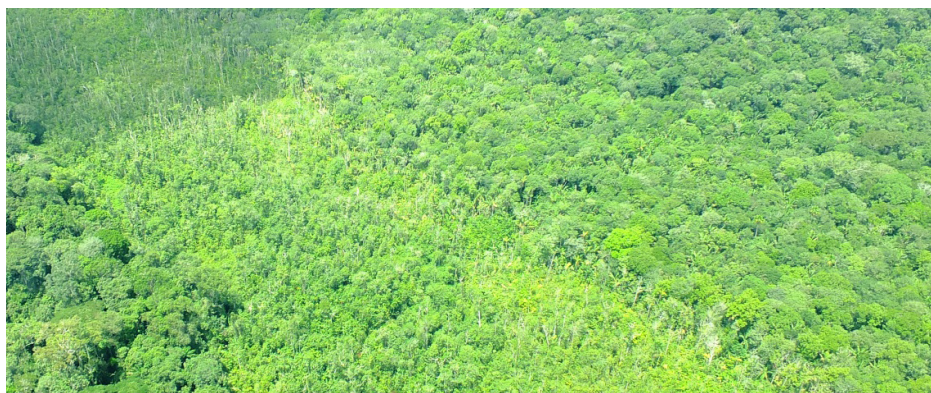


Foto: Sérgio Morato

Floresta de Igapó durante época cheia na porção sul da FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

Várzeas (chavascais) do rio Trombetas



Foto: Sérgio Morato

Campinaranas presentes ao sul da FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

COMO USAR ESTE GUIA

Este guia visa auxiliar os técnicos e profissionais que atuam nos trabalhos de afugentamento, resgate e monitoramento de fauna a identificar, em campo, as espécies da herpetofauna já registradas na FLONA de Saracá-Taquera e em seu entorno. Trata-se de um trabalho que servirá também de referência para a continuidade do inventário de fauna regional.

Este guia foi estruturado apresentando a relação das espécies até então conhecidas, categorizadas segundo Classes, Ordens e Famílias. Cada espécie contempla uma foto principal e, eventualmente, uma ou duas fotos complementares. Todas as espécies são ainda acompanhadas de informações sobre os habitats em que foram registradas na FLONA, hábitos e horário de atividade (neste caso representado por ícones, conforme a figura abaixo).

Ícones para representação do horário de atividade registrado para as espécies

Atividades:



Amanhecer



Diurno











Entardecer









Noturno

Por fim, para cada espécie é ainda informado o grau de ameaça conhecido em diferentes níveis (internacional, nacional e para o Estado do Pará), tendo-se por base os critérios para as diferentes categorias de ameaça e as listas da *International Union for Conservation of Nature* (IUCN, 2014), do Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2003) e da Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Pará (SEMA, 2006). As diferentes categorias de ameaça são representadas por escalas de cores, conforme as figuras a seguir.

Escala de cores adotada para diferentes categorias de ameaça propostas pela IUCN (2014)

 <i>Least concern</i> (LC) Menor Preocupação	 <i>Critically Endangered</i> (CR) Criticamente Ameaçada
 <i>Near Threatened</i> (NT) Próxima de Ameaça	 <i>Extinct in the Wild</i> (EW) Extinta na Natureza
 <i>Vulnerable</i> (VU) Vulnerável	 <i>Extinct</i> (EX) Extinta
 <i>Endangered</i> (EN) Ameaçada	 <i>Data Deficient</i> Dados Insuficientes

Escala de cores adotada para diferentes categorias de ameaça propostas pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2003) e pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Pará (SEMA, 2006)

 Vulnerável (VU)
 Em Perigo (EP)
 Criticamente em Perigo (CP)
 Extinta na Natureza (EN)
 Extinta (EX)
 Deficiente em Dados (DD)

Os **Mamíferos**

da FLONA de Saracá-Taquera





Autoria da(s) foto(s): Michel Barros

Caluromys philander

(Linnaeus, 1758)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 26,0 cm

CCd = 36,0 cm

Peso = 450 g



Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Viviane Sodré

Área(s) de ocorrência



Didelphis imperfecta

Mondolfi & Pérez-Hernández, 1984

Gambá, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 80,0 cm

CCd = 41,0 cm

Peso = 1 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito

Semiarborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



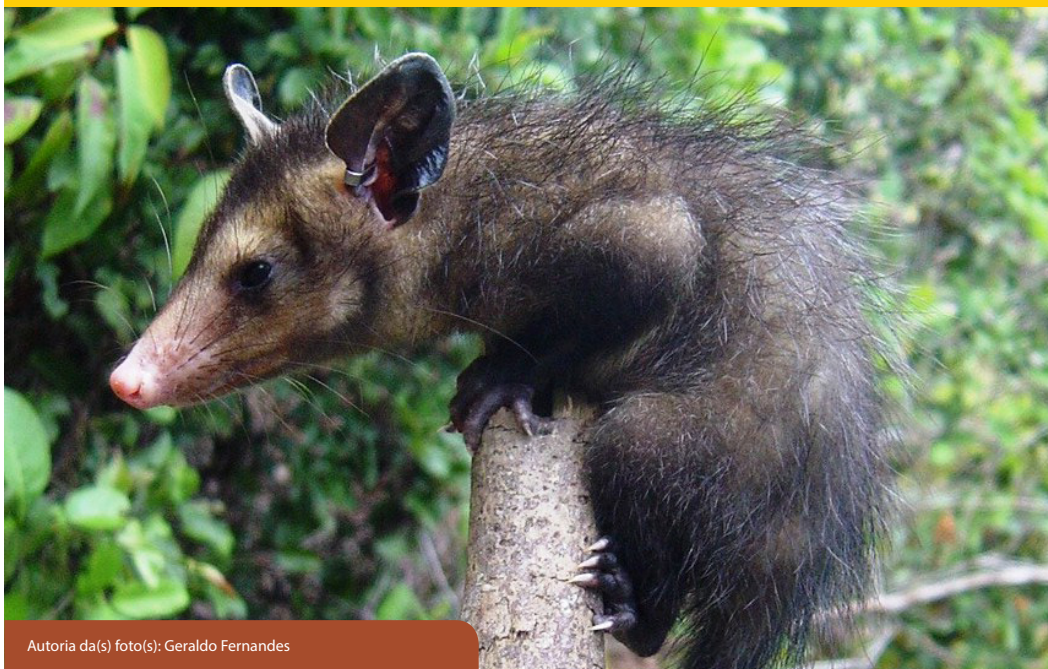
Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Geraldo Fernandes

Didelphis marsupialis

Linnaeus, 1758

Gambá, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 48,0 cm

CCd = 53,0 cm

Peso = 3 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Semiarborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide

Gracilinanus emiliae

(Thomas, 1909)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 8,7 cm
CCd = 15,0 cm
Peso = 10 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Marmosa murina

(Linnaeus, 1758)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 16,5 cm

CCd = 25,0 cm

Peso = 100 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e clareiras.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual

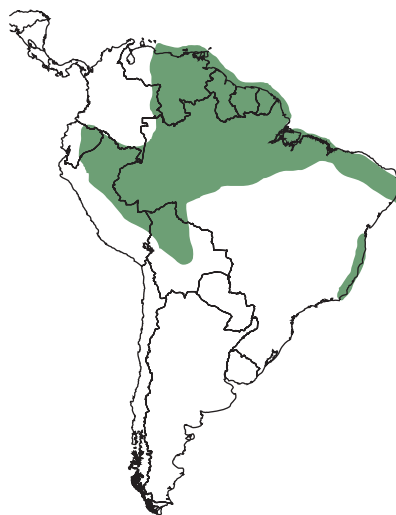


Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Ana Carla Rodrigues

Área(s) de ocorrência



Marmosops parvidens

(Tate, 1931)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 11,0 cm
CCd = 16,0 cm
Peso = 30 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, igapós.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



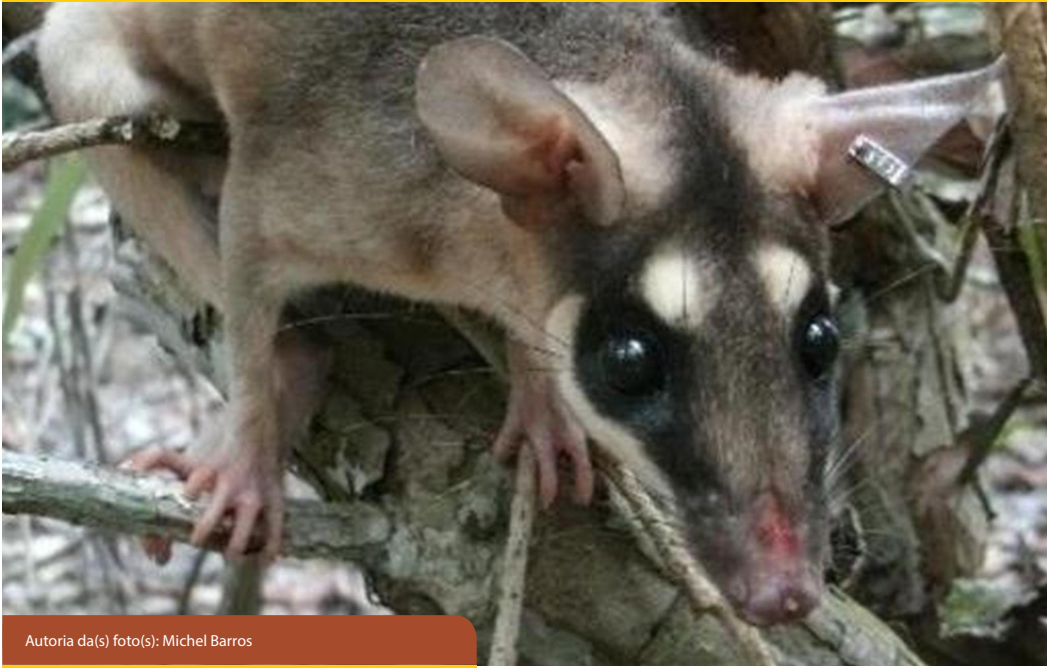
Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Michel Barros

Metachirus nudicaudatus

(É. Geoffroy, 1803)

Cuíca-rabo-de-rato, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 55,0 cm

CCd = 40,0 cm

Peso = 600 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas, igapós e várzeas.

Hábito

Semiarborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Ana Carla Rodrigues

Área(s) de ocorrência



Micoureus demerarae

(Thomas, 1905)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 19,5 cm
CCd = 28,0 cm
Peso = 150 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Monodelphis brevicaudata (Erxleben, 1777)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 17,0 cm
CCd = 9,0 cm
Peso = 110 g

Habitat

Florestas de terra firme primárias.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Área(s) de ocorrência



Monodelphis domestica (Wagner, 1842)

Cuíca, mucura

Tamanho máximo aproximado

CCo = 18,0 cm
CCd = 9,2 cm
Peso = 150 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Fabiano Melo

Cabassous unicinctus

(Linnaeus, 1758)

Tatu-rabo-de-couro

Tamanho máximo aproximado

CCo = 45,0 cm

CCd = 20,0 cm

Peso = 5 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabiano Melo

Área(s) de ocorrência



Dasypus kappleri

Krauss, 1862

Tatu-de-quinze-quilos

Tamanho máximo aproximado

CCo = 58,0 cm
CCd = 48,0 cm
Peso = 11 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Dasypus novemcinctus

Linnaeus, 1758

Tatu-galinha

Tamanho máximo aproximado

CCo = 58,0 cm

CCd = 45,0 cm

Peso = 8 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Dasypus septemcinctus

Linnaeus, 1758

Tatu-mirim

Tamanho máximo aproximado

CCo = 27,0 cm

CCd = 15,0 cm

Peso = 1,5 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Euphractus sexcinctus

(Linnaeus, 1758)

Tatu-galinha

Tamanho máximo aproximado

CCo = 40,0 cm

CCd = 24,0 cm

Peso = 6,5 Kg

Habitat

Bordas de floresta, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): José Manoel dos Reis

Área(s) de ocorrência



Prionomys maximus

(Kerr, 1792)

Tatu-canastra

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,0 m
CCd = 50,0 cm
Peso = 60 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e várzeas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde

Bradypus tridactylus

(Linnaeus, 1758)

Preguiça-de-garganta-amarela, preguiça-bentinho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 50,0 cm

CCd = 8,0 cm

Peso = 8 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Choloepus didactylus

(Linnaeus, 1758)

Preguiça-real

Tamanho máximo aproximado

CCo = 85,0 cm
CCd = 1,5 cm
Peso = 10 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Cyclopes didactylus

(Linnaeus, 1758)

Tamanduáí, tamanduazinho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 25,0 cm
CCd = 30,0 cm
Peso = 400 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



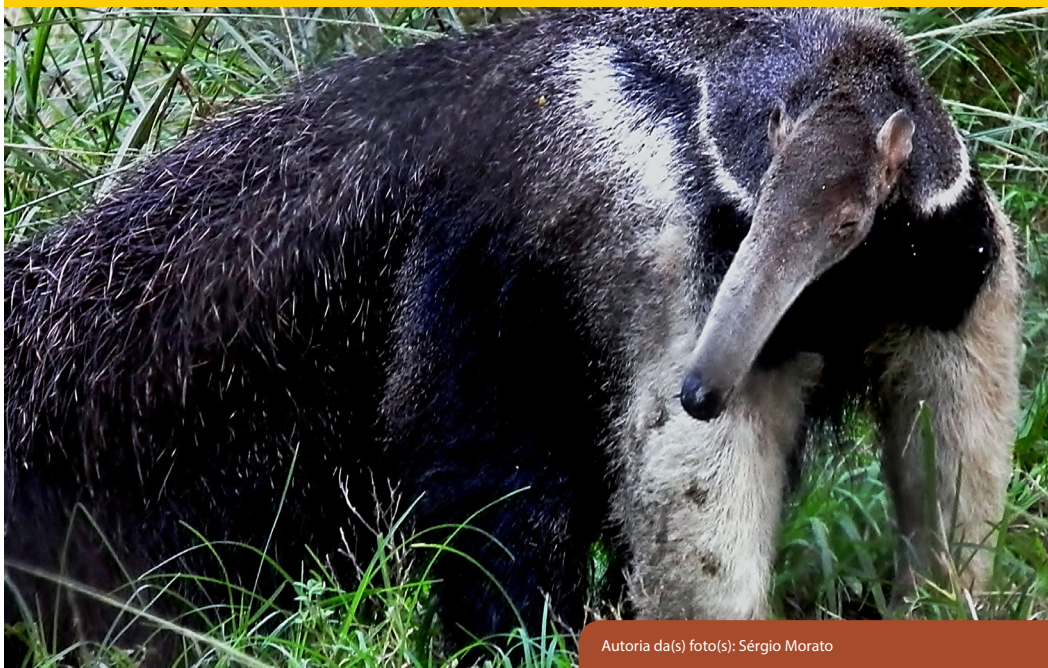
Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Myrmecophaga tridactyla

Linnaeus, 1758

Tamanduá-bandeira

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,2 m
CCd = 90,0 cm
Peso = 45 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas, igapós e várzeas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Viviane Sodré

Tamandua tetradactyla

(Linnaeus, 1758)

Tamanduá-mirim, tamanduá-de-colete

Tamanho máximo aproximado

CCo = 25,0 cm

CCd = 30,0 cm

Peso = 400 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Semiarborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



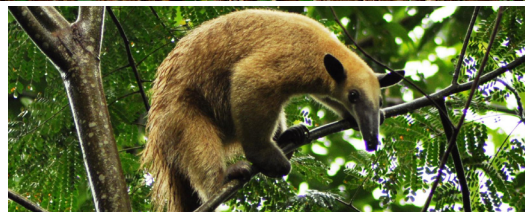
Estadual



Nacional



Mundial



Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Aotus trivirgatus

(Humboldt, 1811)

Macaco-da-noite

Tamanho máximo aproximado

CCo = 42,0 Cm

CCd = 45,0 cm

Peso = 1,2 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde, Lucas Mendes

Alouatta macconnelli

Elliot, 1910

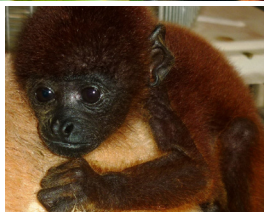
Guariba, bugio

Tamanho máximo aproximado

CCo = 56,0 cm

CCd = 66,0 cm

Peso = 9,5 Kg



Área(s) de ocorrência

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual

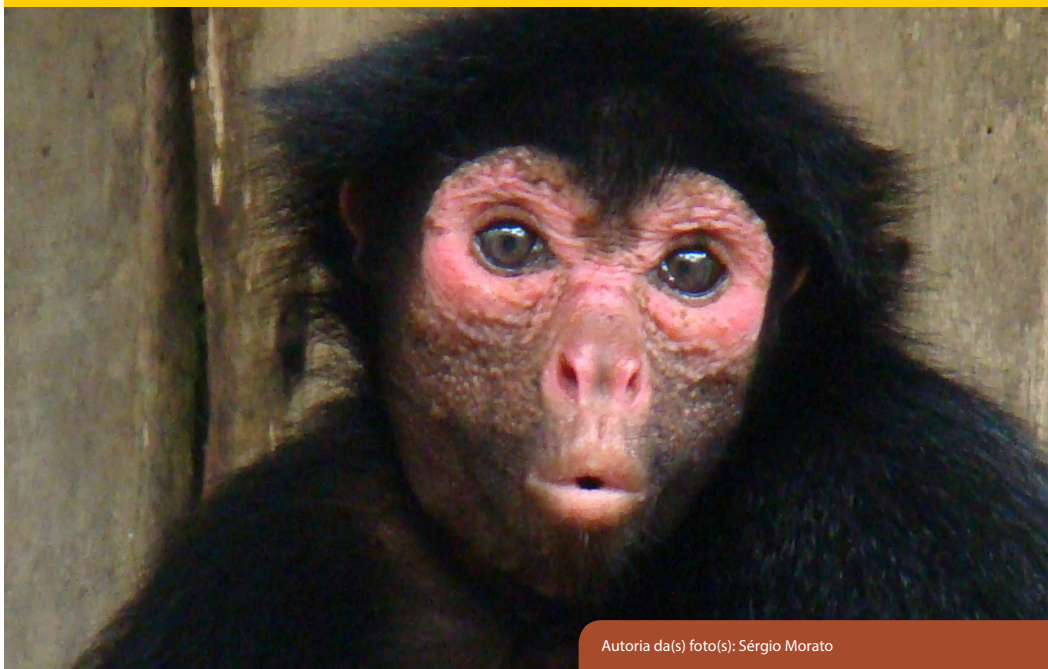


Nacional



Mundial





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Ateles paniscus

(Linnaeus, 1758)

Macaco-aranha

Tamanho máximo aproximado

CCo = 55,0 Cm
CCd = 80,0 cm
Peso = 11 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde

Saguinus martinsi

(Thomas, 1912)

Sagui, sagui-morcego

Tamanho máximo aproximado

CCo = 35,0 cm

CCd = 45,0 cm

Peso = 600 g

Habitat

Florestas de terra firme primárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde

Área(s) de ocorrência



Saguinus midas (Linnaeus, 1758)

Sagui-de-mão-amarela

Tamanho máximo aproximado

CCo = 27,0 cm
CCd = 43,0 cm
Peso = 610 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde

Sapajus apella

(Linnaeus, 1758)

Macaco-prego, mico

Tamanho máximo aproximado

CCo = 50,0 cm
CCd = 47,0 cm
Peso = 4,5 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Saimiri sciureus

(Linnaeus, 1758)

Macaco-de-cheiro, mico-de-cheiro

Tamanho máximo aproximado

CCo = 34,5 cm

CCd = 45,0 cm

Peso = 1,3 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



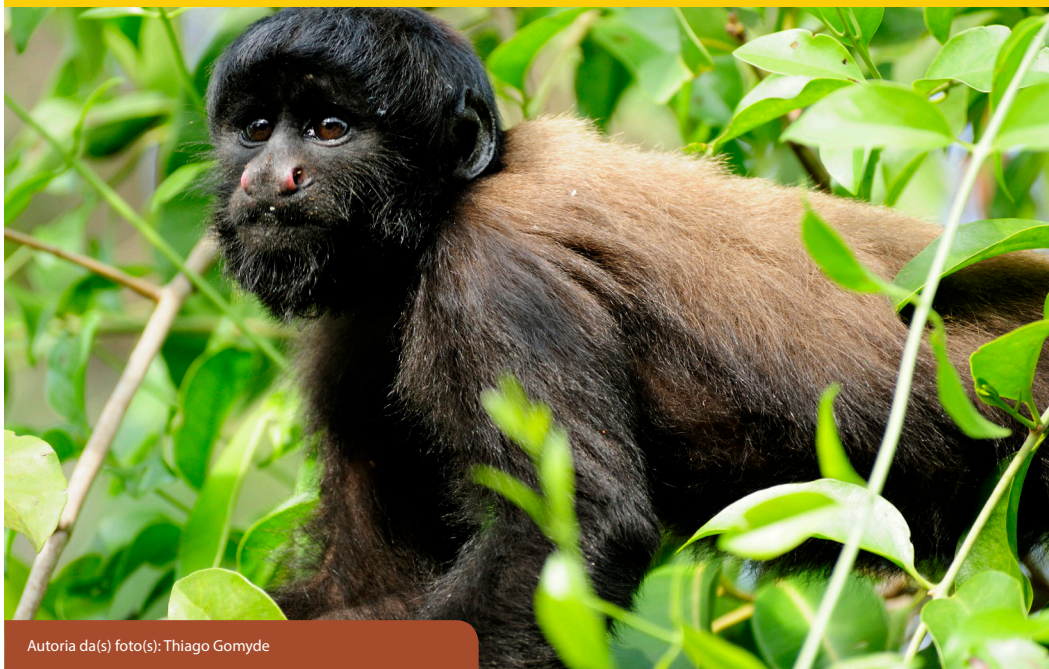
Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde

Chiropotes sagulatus

(Trail, 1821)

Cuxiu

Tamanho máximo aproximado

CCo = 50,0 cm

CCd = 46,5 cm

Peso = 3 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomyde

Área(s) de ocorrência



Pithecia pithecia

(Linnaeus, 1766)

Parauacu, macaco-velho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 46,0 cm

CCd = 41,0 cm

Peso = 2,5 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Speothos venaticus

(Lund, 1842)

Cachorro-vinagre

Tamanho máximo aproximado

CCo = 81,0 cm
CCd = 15,0 cm
Peso = 8 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e campinaranas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Leopardus pardalis

(Linnaeus, 1758)

Jagatirica

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,0 m
CCd = 35,5 cm
Peso = 16 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Semiarbóricola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Leopardus wiedii

(Schinz, 1821)

Gato-maracajá, gato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 62,0 cm

CCd = 38,0 cm

Peso = 5 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Semiarbóricola.

Atividade



Níveis de ameaça



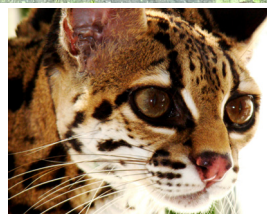
Estadual



Nacional



Mundial



Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Panthera onca

(Linnaeus, 1758)

Onça-pintada, onça

Tamanho máximo aproximado

CCo = 2,10 m
CCd = 75,0 cm
Peso = 160 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinarnas, igapós, várzeas e áreas alteradas.

Hábito

Semiarborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



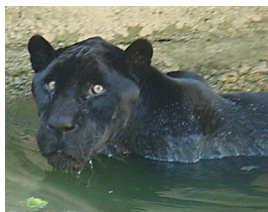
Estadual



Nacional



Mundial



Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Puma concolor

(Linnaeus, 1771)

Suçuarana, puma, onça-parda, leãozinho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,80 m
CCd = 85,0 cm
Peso = 75 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Puma yagouaroundi

(É. Geoffroy Saint-Hilare, 1803)

Gato-mourisco, Jaguarundi

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,0 m
CCd = 80,0 cm
Peso = 6,5 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



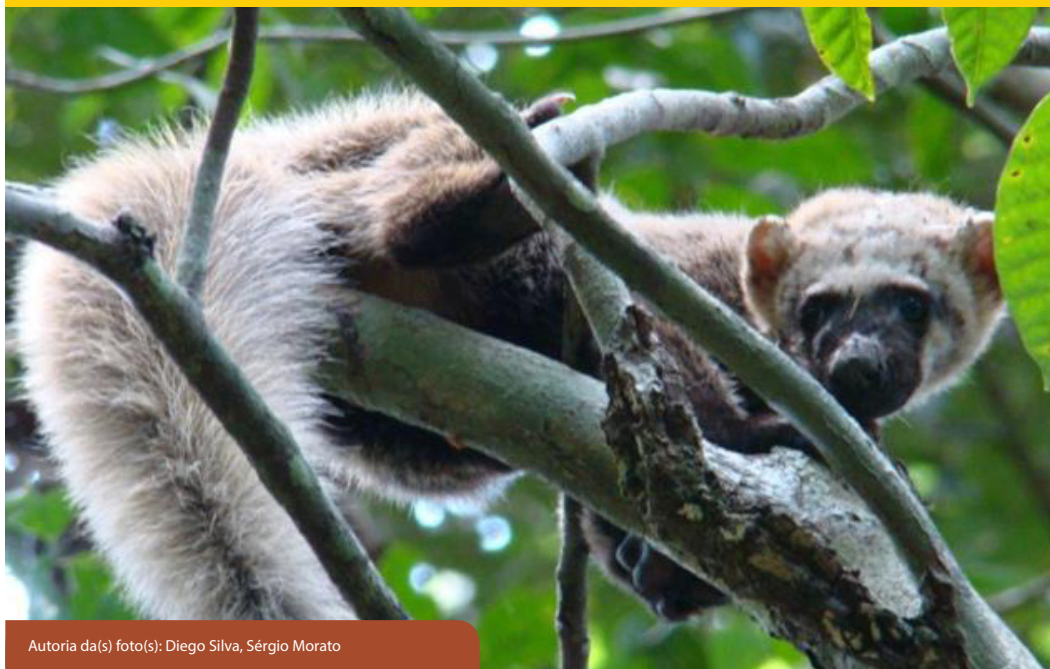
Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Diego Silva, Sérgio Morato

Eira barbara

(Linnaeus, 1758)

Irara

Tamanho máximo aproximado

CCo = 68,0 cm

CCd = 47,0 cm

Peso = 11 Kg



Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito

Semiarborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



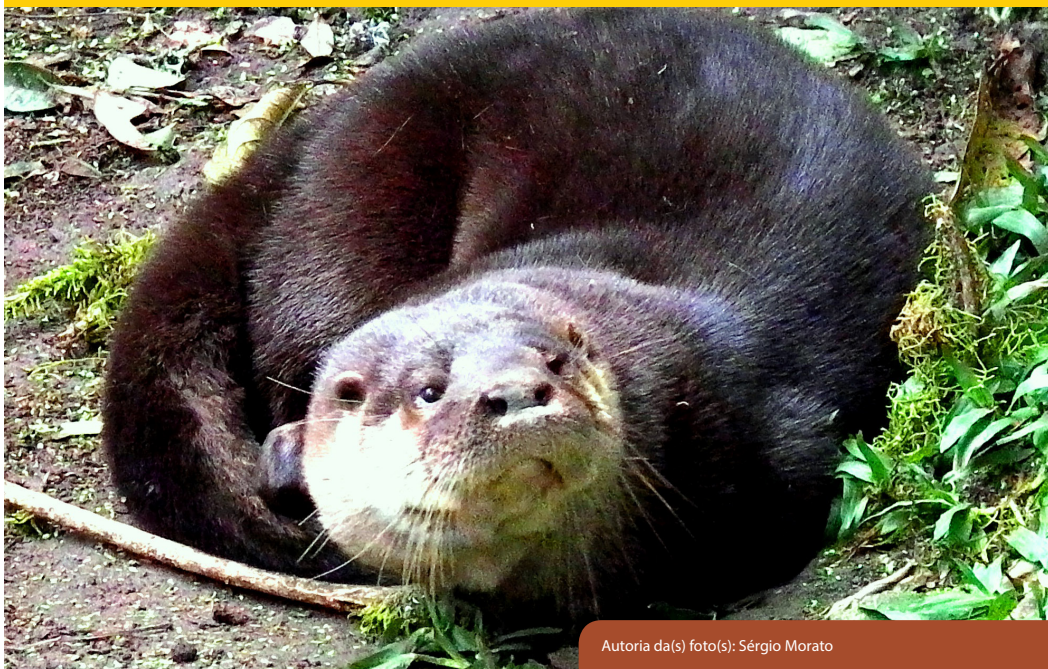
Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Lontra longicaudis

(Olfers, 1818)

Lontra

Tamanho máximo aproximado

CCo = 80,0 cm
CCd = 50,0 cm
Peso = 14 kg

Habitat Rios, lagos e igarapés.

Hábito Semiaquática.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Pteronura brasiliensis

(Gmelin, 1788)

Ariranha

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,80 m
CCd = 70,0 cm
Peso = 35 Kg

Habitat Rios, lagos e igarapés.

Hábito Semiaquática.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Nasua nasua

(Linnaeus, 1766)

Quati

Tamanho máximo aproximado

CCo = 48,0 cm

CCd = 43,0 cm

Peso = 3 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito

Semi-arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Potos flavus

(Schreber, 1774)

Jupará, Macaco-da-noite

Tamanho máximo aproximado

CCo = 48,0 cm

CCd = 50,0 cm

Peso = 3,5 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Tapirus terrestris

(Linnaeus, 1758)

Anta

Tamanho máximo aproximado

CCo = 2,2 m
CCd = 10,0 cm
Peso = 300 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas, igapós e várzeas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



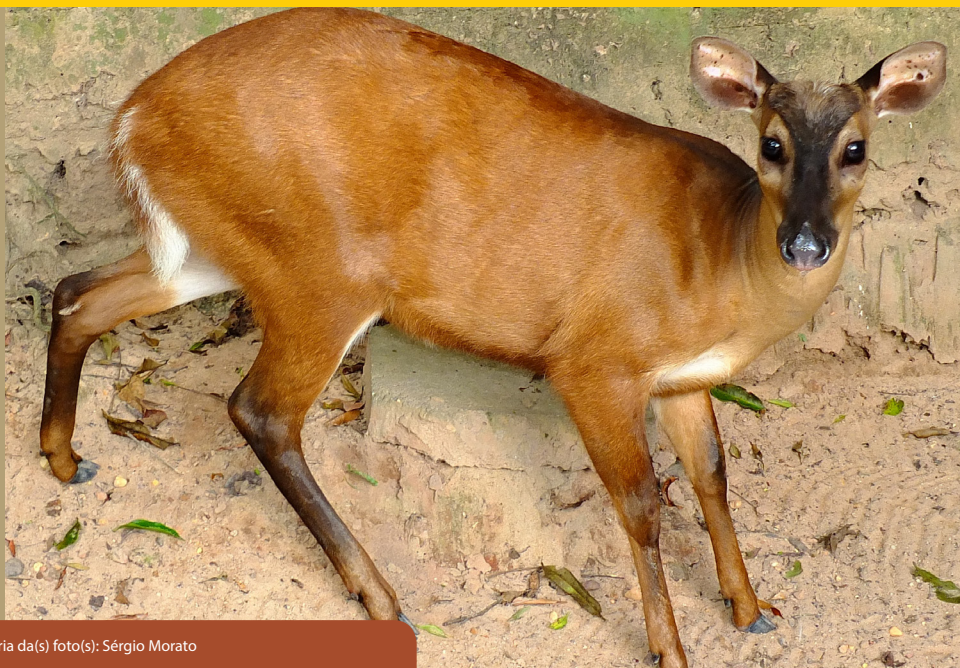
Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Mazama americana

(Erxleben, 1777)

Veado-mateiro, veado-vermelho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,4 m
CCd = 20,0 cm
Peso = 30 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas, várzeas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



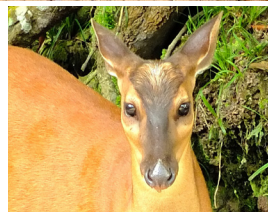
Estadual



Nacional

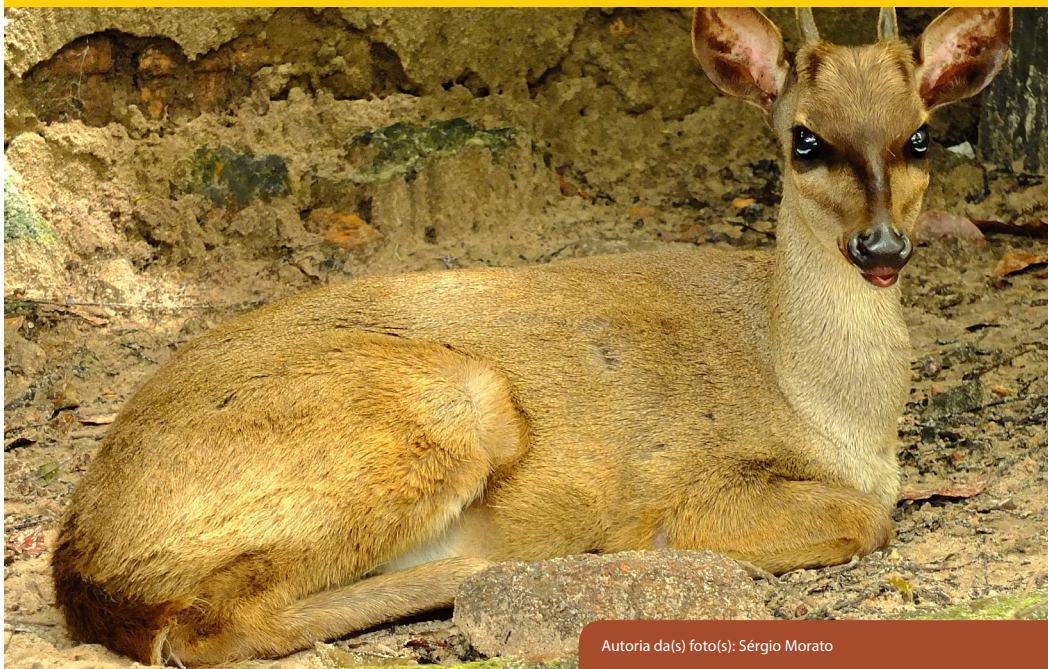


Mundial



Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Mazama nemorivaga

(Cuvier, 1817)

Veado-fuboca, veado-branco

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,1 m
CCd = 6,0 cm
Peso = 16 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas, várzeas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Pecari tajacu

(Linnaeus, 1758)

Cateto, caititu, porco-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,0 m
CCd = 21,0 cm
Peso = 30 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Tayassu pecari

(Link, 1795)

Queixada, porco-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,5 m
CCd = 6,0 cm
Peso = 40 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinaranas, várzeas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



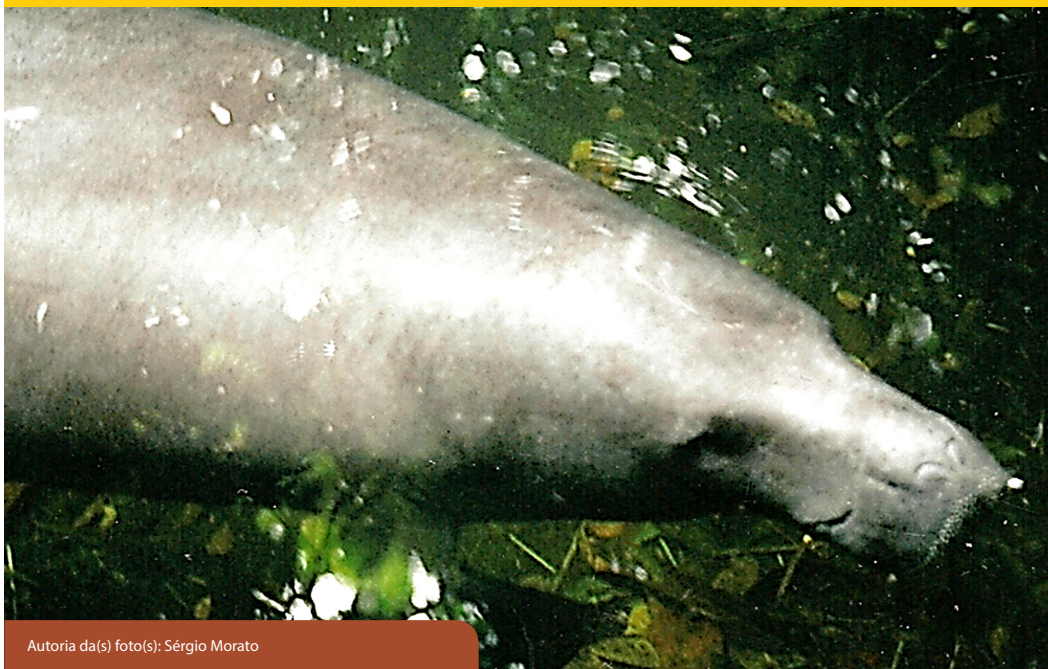
Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Trichechus inunguis

(Natterer, 1883)

Peixe-boi

Tamanho máximo aproximado

CCo = 2,8 m
Peso = 300 kg

Habitat Rios e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Danielle Lima

Área(s) de ocorrência



Sotalia fluviatilis

(Gervais, 1853)

Boto-cinza, tucuxi

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,5 m
Peso = 53 kg

Habitat Rios e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade 

Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Danielle Lima

Inia geoffrensis

(Blainville, 1817)

Boto-cor-de-rosa; boto-vermelho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 2,6 m
Peso = 185 kg

Habitat Rios e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual

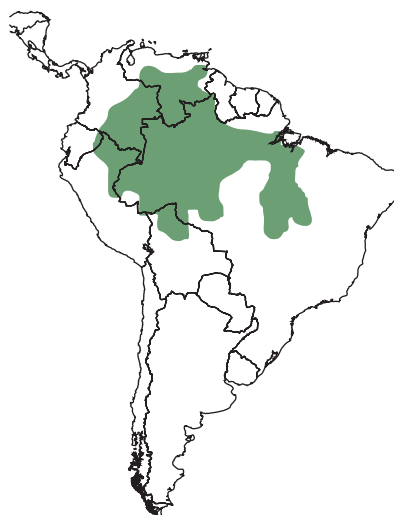


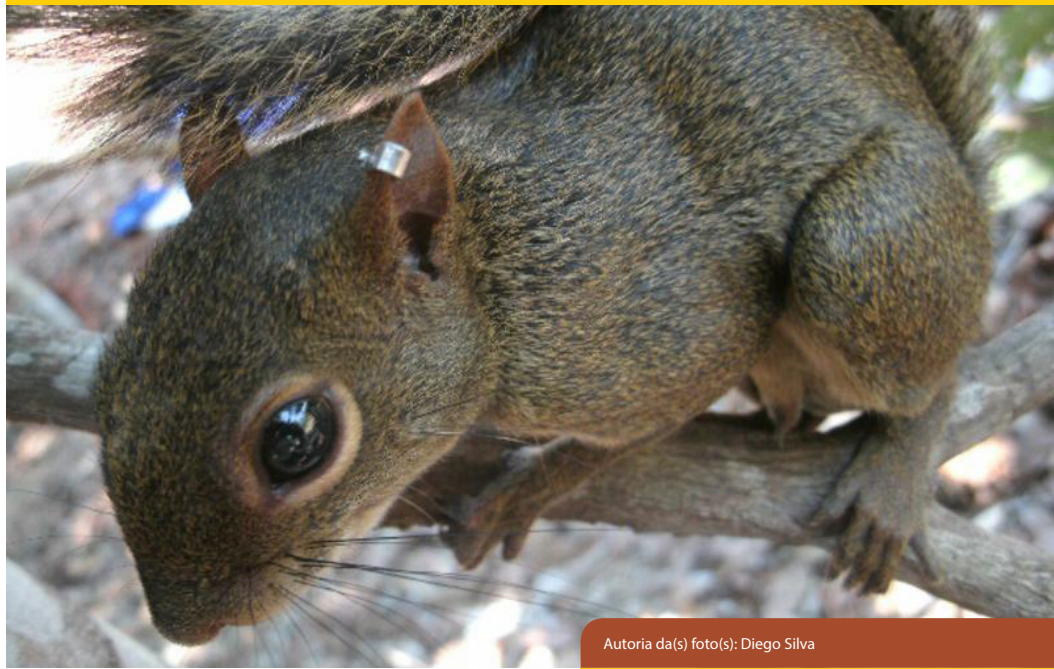
Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Diego Silva

Área(s) de ocorrência



Guerlinguetus aestuans
(Linnaeus, 1766)

Esquilo, quatipuru

Tamanho máximo aproximado

CCo = 19,0 cm
CCd = 19,0 cm
Peso = 210 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Cuniculus paca

(Linnaeus, 1766)

Paca

Tamanho máximo aproximado

CCo = 74,0 cm
CCd = 1,0 cm
Peso = 12 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, igapós, várzeas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Dasyprocta leporina

(Linnaeus, 1758)

Cutia

Tamanho máximo aproximado

CCo = 58,0 cm

CCd = 3,5 cm

Peso = 7,5 Kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, campinarnas e áreas alteradas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Ana Carla Rodrigues

Myoprocta acouchy (Erxleben, 1777)

Cutiara, Cutia-de-rabo

Tamanho máximo aproximado

CCo = 39,0 cm
CCd = 5,5 cm
Peso = 1,5 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e campinaranas.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Hydrochoerus hydrochaeris
(Linnaeus, 1766)

Capivara

Tamanho máximo aproximado

CCo = 1,5 m
CCd = 2,0 cm
Peso = 65 Kg

Habitat Florestas aluviais primárias e secundárias, várzeas e igapós.

Hábito Semiaquático.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Coendou prehensilis

(Linnaeus, 1758)

Ouriço, Ouriço-cacheiro

Tamanho máximo aproximado

CCo = 54,0 cm
CCd = 52,0 cm
Peso = 5 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Michel Barros

Área(s) de ocorrência



Proechimys cuvieri

Petter, 1978

Rato-de-espinho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 27,0 cm
CCd = 23,0 cm
Peso = 470 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Geraldo Fernandes

Proechimys guyannensis

(É. Geoffroy, 1803)

Rato-de-espinho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 25,0 cm
CCd = 15,0 cm
Peso = 270 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Michel Barros

Área(s) de ocorrência



Echymys sp.

Rato-de-espinho-branco

Tamanho máximo aproximado

CCo = 30,0 cm
CCd = 25,0 cm
Peso = 350 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Ana Carla Rodrigues, Michel Barros

Mesomys hispidus

(Desmarest, 1817)

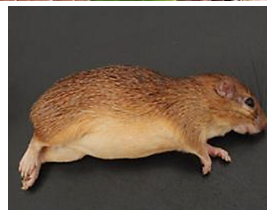
Rato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 20,0 cm

CCd = 18,0 cm

Peso = 220 g



Área(s) de ocorrência

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial





Autoria da(s) foto(s): Ana Carla Rodrigues

Área(s) de ocorrência



Euryoryzomys macconnelli

Thomas, 1910

Rato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 21,0 cm
CCd = 30,0 cm
Peso = 90 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Michel Barros, Ana Carla Rodrigues

Hylaeomys megacephalus (Fischer, 1814)

Rato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 14,0 cm
CCd = 12,5 cm
Peso = 65 g



Área(s) de ocorrência

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



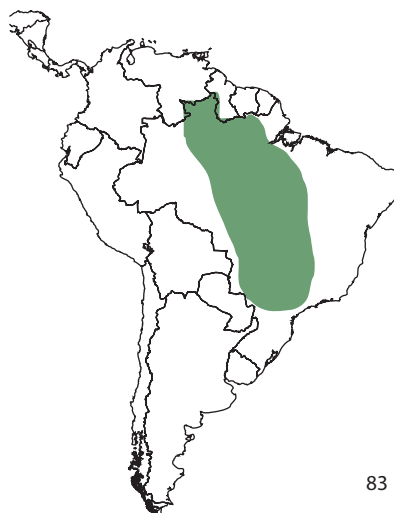
Estadual



Nacional



Mundial





Autoria da(s) foto(s): Geraldo Fernandes

Área(s) de ocorrência



Nectomys rattus

(Pelzen, 1883)

Rato-do-mato, Rato-d'água

Tamanho máximo aproximado

CCo = 24,5 cm
CCd = 25,5 cm
Peso = 400 g

Habitat

Florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e várzeas.

Hábito

Semiaquático.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Michel Barros

Oecomys bicolor

(Thomas, 1860)

Rato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 16,5 cm
CCd = 13,0 cm
Peso = 35 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras, várzeas e áreas alteradas.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Geraldo Fernandes

Área(s) de ocorrência



Rhipidomys nitela

Thomas, 1901

Rato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 12,0 cm
CCd = 16,0 cm
Peso = 45,0 g

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito

Arborícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial



Autoria da(s) foto(s): Ana Carla Rodrigues

Zygodontomys brevicauda

(Allen & Chapman, 1893)

Rato-do-mato

Tamanho máximo aproximado

CCo = 15,0 cm
CCd = 12,0 cm
Peso = 85 g



Área(s) de ocorrência

Habitat Bordas de floresta, campinarnas e capoeiras.

Hábito Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial





Autoria da(s) foto(s): Diego Silva

Área(s) de ocorrência



Sylvilagus brasiliensis

(Linnaeus, 1758)

Tapiti, coelho, coelhinho

Tamanho máximo aproximado

CCo = 40,0 cm

CCd = 6,0 cm

Peso = 1,2 kg

Habitat

Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e capoeiras.

Hábito

Terrícola.

Atividade



Níveis de ameaça



Estadual



Nacional



Mundial

Literatura Citada e Recomendada

Ab'Saber, A.N., 1977. Os domínios morfoclimáticos da América do Sul. *Geomorfologia* 52: 1-21.

Ab'Saber, A., 1996. *A Amazônia: do discurso à praxis*. São Paulo: Editora da USP.

Albernaz, A.L.K.M.; Ávila-Pires, T.C.S. (Orgs.), 2010. *Espécies ameaçadas de extinção e áreas críticas para a biodiversidade no Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 54 p.

Aliaga-Rossel, E., 202. Distribution and abundance of the river dolphin (*Inia geoffrensis*) in the Tijamuchi river, Beni, Bolivia. *Aquatic Mammals* 28 (3): 312-323.

Alves, R.R.N.; Rosa, I.L., 2008. Use of tucuxi dolphin *Sotalia fluviatilis* for medicinal and magic/religious purposes in North Brazil. *Human Ecology*, v. 36, p. 443–447, 2008.

Andrade, M.C.M.; Luna, F.O.; Reis, M.L. (Orgs.), 2011. *Plano de ação nacional para a conservação dos mamíferos aquáticos: Sirênios*. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, 80 p.

Arraut, E.M.; Marmontel, M.; Mantovani, J.E.; Novo, E.M.L.M.; Macdonald, D.W.; Kenward, R.E., 2009. The lesser of two evils: seasonal migrations of Amazonian manatees in the Western Amazon. *Journal of Zoology* 280: 247-256.

Auricchio, P., 1995. *Primatas do Brasil*. São Paulo: Terra Brasilis Editora Ltda.

Best, R.C., 1984. The aquatic mammals and reptiles of the Amazon. In: Sioli, E. (Ed): *The Amazon: Limnology and Landscape of a Mighty Tropical River*. Boston: Dr. W. Junk Publishers, pp. 371-412.

Best, R.C.; da Silva, V.M.F., 1989. Amazon river dolphin, boto *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817). In: Ridgway, S. H.; Harrison, R. (Eds). *Handbook of marine mammals*, v. 4: River dolphins and the larger toothed whales. London, UK: Academic Press, p. 1-24.

Best, R.C.; da Silva, V.M.F., 1993. *Inia geoffrensis*. *Mammalian Species* 426: 8 p.

Blacher, C., 1987. Ocorrência e preservação de *Lutra longicaudis* (Mammalia: Mustelidae) no litoral de Santa Catarina. *Boletim da Fundação Brasileira para Conservação da Natureza* 22: 105-117.

Bonvicino, C.R.; Oliveira, J.A.; D'Andrea, P.S., 2008. *Guia dos roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos*. Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS, 120 p.

Brasil, 2001. *Mamíferos Aquáticos do Brasil: Plano de Ação, Versão II*. Brasília: Diretoria de Fauna e dos Recursos Pesqueiros/IBAMA (Ed.), 96 p.

Cabrera, A.; Willink, A., 1973. *Biogeografía de América Latina*. Monografía nº 13. Washington D.C.: Programa regional de desarrollo científico e tecnológico de la Secretaría General de la Organización de los Estados Americanos, 120p.

Capobianco, J.P.R. (Org.), 2001. *Biodiversidade da Amazônia Brasileira: avaliação e*

ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo: Instituto Socioambiental.

Carter, S.K.; Rosas, F.C.W., 1997. Biology and conservation of the giant otter *Pteronura brasiliensis*. *Mammal Review* 27 (1): 1-26.

Colares, I.G.; Colares, E.P., 2002. Food plants eaten by Amazonian manatees (*Trichechus inunguis*, Mammalia: Sirenia). *Brazilian Archives of Biology and Technology* 45 (1): 67-72.

Cullen-Jr., L.; Abreu, K.C.; Sana, D.; Nava, A.F.D., 2005. As onças-pintadas como detetives da paisagem no corredor do Alto Paraná, Brasil. *Natureza & Conservação* 3 (1): 43-58.

Domning, D.P., 1982. Commercial exploitation of manatees *Trichechus* in Brazil c. 1785-1973. *Biological Conservation* 22 (2) 101-126.

Duplaix, N., 1980. Observations of the ecology and behaviour of the giant river otter *Pteronura brasiliensis* in Suriname. *Revue d'Ecologie (La Terre et La Vie)* 34: 495-620.

Duplaix, N., Waldemarin, H. F., Groenedijk, J., Evangelista, E., Munis, M., Valesco, M., Botello, J.C. 2008. *Pteronura brasiliensis*. In: The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Disponível em www.iucnredlist.org. Acessado em 10 de junho de 2014.

Eisenberg, J.F., 1989. *Mammals of the Neotropics: The Northern Neotropics*. Panama, Colombia, Venezuela, Guyana, Suriname, French Guiana. V.1. Chicago: The University of Chicago Press, 449p.

Eisenberg, J.F.; Redford, K.H., 1999. *Mammals of Neotropics. The Central Neotropics: Equador, Peru, Bolivia, Brazil*. V. 3. Chicago and London: The University of Chicago Press, 609p.

Emmons, L.H.; Feer, F., 1997. *Neotropical rainforest mammals: a field guide - 2nd Edition*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 307p.

Fonseca, G.A.B.; Hermann, G.; Leite, Y.L.R.; Mittermeier, R.A.; Rylands, A.B.; Patton, J.L., 1996. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occasional Papers in Conservation Biology* 4: 38 p.

Fonseca, G.A.B.; Hermann, G.; Leite, Y.L.R., 1999. Macrogeography of brazilian mammals. In: Eisenberg, J.F.; Redford, K.H. (Eds.). *Mammals of the neotropics: the central neotropics*. vol. 3. Chicago and London: The University of Chicago Press, pp. 549-563.

Foster-Turley, P.; Macdonald, S.; Mason, C. (Eds), 1990. *Otters: an action plan for their conservation*, IUCN/SSC Otter Specialist Group, Gland, Switzerland, 127 p.

Gómez, J.R.; Jorgenson, J.P., 1999. An overview of the giant otter: fisherman problem in the Orinoco Basin of Colombia. *IUCN Otter Specialist Group Bulletin* 16 (2): 90-96.

Gomez-Salazar, C.; Coll, M.; Whitehead, H., 2012. River dolphins as indicators of ecosystem degradation in large tropical rivers. *Ecological Indicators* 23: 19-26.

Guterres, M.G.; Marmontel, M.; Ayub, D.M.; Singer, R.B.; Singer, R.F., 2008. Anatomia e morfologia de plantas aquáticas da Amazônia utilizadas como potencial alimento por peixe-boi amazônico. Belém: IDSM, 187p.

Haffer, J., 1978. Distribution of Amazon birds. *Bonner Zoologischen Beiträge* 29: 38-78.

Haffer, J., 1985. Avian zoogeography of the neotropical lowlands. *Neotropical Ornithology* 36: 113-146.

Haffer, J.; Prance, G.T., 2001. Climatic forcing of evolution in Amazonia during the Cenozoic: on the refuge theory of biotic differentiation. *Amazoniana* 16: 579–607.

Hollowell, T.; Reynolds, R.P. (Eds.), 2005. Checklist of the Terrestrial Vertebrates of the Guiana Shield. *Bulletin of the Biological Society of Washington* 13.

Husar, S.L., 1977. *Trichechus inunguis*. *Mammalian Species* 72: 4p.

IBAMA, 2001. Plano de Manejo da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Para, Brasil. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.

IBAMA, 2002. Plano de Manejo da Reserva Biológica do Rio Trombetas, Estado do Para, Brasil. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.

IUCN (International Union for the Conservation of Nature), 2014. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Disponível em www.iucnredlist.org.

Klopfer, P.H.; MacArthur, R.H., 1960. Niche size and faunal diversity. *American Naturalist*, 94: 293-300.

Kruuk, H., 2006. Otters: ecology, behaviour and conservation. Oxford: Oxford University Press.

Larivière, S., 1999. *Lontra longicaudis*. *Mammalian Species* 609: 5p..

Lima, D.S.; Marmontel, M.; Bernard, E., 2012. Site and refuge use by giant otters (*Pteronura brasiliensis*) in the Western Brazilian Amazonia. *Journal of Natural History* 46 (11-12): 729-739.

Machado, A.B.M.; Martins, C.S.; Drummond, G.M. (Eds.), 2005. Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 157p.

Marmontel, M. 2008. *Trichechus inunguis*. In: The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Disponível em www.iucnredlist.org. Acessado em 10 de junho de 2014.

Martin, A.R.; Silva, V.M.F., 2004. Number, seasonal movements, and residency characteristics of river dolphins in an Amazonian floodplain lake system. *Canadian Journal of Zoology* 82: 1307-1315.

Martin, A.R., Silva, V.M.F.; Salmon, D.L., 2004. Riverine habitat preferences of botos (*Inia geoffrensis*) and tucuxis (*Sotalia fluviatilis*) in the central Amazon. *Marine Mammal Science* 20 (2): 189-200.

Mello-Leitão, C., 1980. Zoogeografia do Brasil. 3ª ed. Mossoró: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 635p.

MMA (Ministério do Meio Ambiente), 2001. Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade na Amazônia brasileira. Brasília: MMA/SBF.

MMA (Ministério do Meio Ambiente), 2003. Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Disponível em <http://www.mma.gov.br>.

Mittermeier, R.A.; Rylands, A.B.; Wilson, D.E., 2013. Handbook of the Mammals of the World. Vol. 3. Primates. Barcelona, Spain: Lynx Edicions, 951p.

Morrone, J.J., 2000. A new regional biogeography of the Amazonian subregion, mainly based on animal taxa. *Anales del Instituto de Biología Universidad Nacional Autónoma de México, série Zoología*, 72 (2): 99-123.

Müller, P., 1973. The dispersal centres of terrestrial vertebrates in the Neotropical Realm. Dr. W. Junk B.V., Publishers, The Hague, 244p.

MRN – Mineração Rio do Norte, 2001. Estudo de Impacto Ambiental do Platô Almeida. Belo Horizonte: Brandt Meio Ambiente Ltda.

MRN – Mineração Rio do Norte, 2007a. Estudo de Impacto Ambiental da Exploração de Bauxita no Platô Bacaba, em Porto Trombetas, Oriximiná, PA. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.

MRN – Mineração Rio do Norte, 2007b. Estudo de Impacto Ambiental: mineração de bauxita nos platôs Bela Cruz, Aramã, Greig, Teófilo, Cipó e Monte Branco, Oriximiná, PA. Belo Horizonte: Brandt Meio Ambiente Ltda.

MRN – Mineração Rio do Norte, 2011. Monitoramento da Fauna Aquática do Lago Sapucaá, na área de influência do empreendimento minerário do platô Bacaba, na FLONA de Saracá-Taquera, município de Oriximiná, Estado do Pará. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.

MRN – Mineração Rio do Norte, 2011. Monitoramento Ambiental Integrado: Solos, Vegetação e Fauna da Região de Bordadura e Áreas em Processo de Recuperação, na FLONA de Saracá-Taquera e Porto Trombetas, Oriximiná, Pará. Primeiro Ano de Estudo - Ano Base 2010. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.

MRN – Mineração Rio do Norte, 2012. Monitoramento Ambiental Integrado: Solos, Vegetação e Fauna da Região de Bordadura e Áreas em Processo de Recuperação, na FLONA de Saracá-Taquera e Porto Trombetas, Oriximiná, Pará. Segundo Ano de Estudo - Ano Base 2010/2011. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.

Paglia, A.P.; Fonseca, G.A.B.; Rylands, A.B.; Herrmann, G.; Aguiar, L.M.S.; Chiarello, A.G.; Leite, Y.L.R.; Costa, L.P.; Siciliano, S.; Kierulff, M.C.M.; Mendes, S.L.; Tavares, V.C.; Mittermeier, R.A.; Patton, J.L., 2012. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil/ Annotated Checklist of Brazilian Mammals. 2ª Edição/2nd Edition. Occasional Papers

in Conservation Biology no 6. Arlington: Conservation International, 76pp.

Parry, A.; Barlow, J.; Peres, C.A., 2007. Large-vertebrate assemblages of primary and secondary forests in the Brazilian Amazon. *Journal of Tropical Ecology* 23: 653-662.

Reeves, R. R.; Jefferson, T. A.; Karczmarski, L.; Laidre, K.; O’Corry-Crowe, G.; Rojas-Bracho, L.; Secchi, E. R.; Slooten, E.; Smith, B. D.; Wang, J. Y.; Zhou, K. 2011. *Inia geoffrensis*. In: The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Disponível em www.iucnredlist.org. Acessado em 10 de junho de 2014.

Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Fregonezi, M.N.; Rossanels, B.K. (Eds.), 2010. *Mamíferos do Brasil: Guia de Identificação*. Rio de Janeiro: 560 p.

Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Pedro, W.A.; Lima, I.P. (Eds.), 2007. *Morcegos do Brasil*. Londrina: UEL, 253 p.

Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Pedro, W.A.; Lima, I.P. (Eds.), 2011. *Mamíferos do Brasil*, 2ª. Edição. Londrina: UEL, 437 p.

Rosas, F.C.W., 204. Ariranhas, *Pteronura brasiliensis* (Carnivora-Mustelidae). In: Cintra, R. (Ed.). *História natural, ecologia e conservação de algumas espécies de plantas e animais da Amazônia*. Manaus: INPA, pp. 265-269.

Rosas, F.C.W.; Zuanon, J.A.S.; Carter, S.K., 1999. Feeding Ecology of the giant otter *Pteronura brasiliensis*. *Biotropica* 31 (3): 502-506.

Rylands, A.B.; Schneider, H.; Langguth, A.; Mittermeier, R.A.; Groves, C.P.; Rodríguez-Luna, E., 2000. An assessment of the diversity of New World Primates. *Neotropical Primates* 8 (2): 61-93.

Sanderson, E., Redford, K.H.; Chetkiewicz, C.; Medellin, R.A.; Rabinowitz, A.; Robinson, J.G.; Taber, A., 2002. Planning to save a species: the jaguar as a model. *Conservation Biology*, 16 (1):58-72.

Secchi, E., 2010. *Sotalia fluviatilis*. In: The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Disponível em www.iucnredlist.org. Acessado em 10 de junho de 2014.

SEMA (Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Estado do Pará), 2007. Resolução n. 54, de 24/10/2007. Homologação da lista de espécies da flora e da fauna ameaçadas de extinção no Estado do Pará. Disponível em <http://www.sema.pa.gov.br>.

Silva, C.R.; Martins, A.C.M.; Castro, I.J.; Cardoso, E.M., 2012. *Guia de Mamíferos do Estado do Amapá*. Macapá: IEPA, 301 p.

Silva, J.M.C.; Rylands, A.B.; Fonseca, G.A.B., 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. *Megadiversidade* 1: 124-131.

Silva, M.N.F.; Rylands, A.B.; Patton, J.L., 2004. Biogeography and conservation of Mammals in the Brazilian Amazon Forest. In: Veríssimo, A., A. Moreira, D. Sawyer, I. Santos & L.P. Pinto (eds.). *Biodiversity in the Brazilian Amazon*. São Paulo: Instituto Socioambiental: 109-130.

- Silva, V.M.F., 2002. Amazon River Dolphin, *Inia geoffrensis*. In: Perrin, W.F.; Wursig, B.; Thewissen, J.G.M. (Eds.). *Encyclopedia of Marine Mammals*. London: Academic Press.
- Silva, V.M.F., 2004. O Peixe-boi da Amazônia *Trichechus inunguis* (Sirenia: Trichechidae). In: Cintra, R. *História Natural, Ecologia e Conservação de Algumas Espécies de Plantas e Animais da Amazonia*. Manaus: EDUA/INPA/FAPEAM, pp. 283-289.
- Silva, V.M.F.; Best, R.C., 1994. Tucuxi *Sotalia fluviatilis* (Gervais, 1853). In: Ridgway, S.H.; Harrison, R. (Eds.). *Handbook of marine mammals*, v. 5: The first book of dolphins. London, UK: Academic Press, pp. 43-69.
- Silva, V.M.F.; Best, R.C., 1996a. *Sotalia fluviatilis*. *Mammalian Species* 527: 7p.
- Silva, V.M.F.; Best, R.C., 1996b. Freshwater dolphin/fisheries interaction in the Central Amazon (Brazil). *Amazoniana* 14: 165–175.
- Smith, B.D.; Reeves, R.R., 2012. River cetaceans and habitat change: generalist resilience or species vulnerability? *Journal of Marine Biology* 2012: 1-11.
- Smythe, N., 1986. Competition and resource partitioning in the guild of neotropical terrestrial frugivorous mammals. *Annual Review of Ecology and Systematics* 17: 169-188.
- Vanzolini, P.E.; Williams, E.E., 1981. The Vanishing Refuge: A mechanism for ecogeographic speciation. *Pap. Avulsos Zool.* 34 (23): 251-255.
- Veloso, H.P.; Filho, A.L.R.R.; Lima, J.C.A. *Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal*. Fundação IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Rio de Janeiro, 123p., 1991.
- Voss, R.S.; Emmons, L.H., 1996. Mammalian diversity in neotropical lowland rainforest: a preliminary assessment. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* New York 230: 1-117.
- Voss, R.S.; Lunde, D.P.; Simmons, N.B., 2001. The Mammals of Paracou, French Guiana: a Neotropical Lowland Rainforest Fauna, Part 2. Nonvolant Species. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 263: 236 p.
- Voss, R.S.; Fleck, D.W.; Jansa, S.A., 2009. On the diagnostic characters, ecogeographic distribution, and phylogenetic relationships of *Gracilinanus emiliae* (Didelphimorphia: Didelphidae: Thylamyini). *Mastozoología Neotropical* 16 (2):433-443.
- Waldemarin, H.F.; Alvarez, R., 2008. *Lontra longicaudis*. In: The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Disponível em www.iucnredlist.org. Acessado em 10 de junho de 2014.
- Wilson, D.E.; Reeder, D.M., 2005. *Mammals species of the world: a taxonomic and geographic reference*. 3a ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2 vols.: 2142p.
- Wilson, D.E.; Mittermeier, R.A., 2009. *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 1. Carnivores. Barcelona: Lynx Edicions, 727p.
- Wilson, D.E.; Mittermeier, R.A., 2011. *Handbook of the Mammals of the World*. Vol. 2. Hoofed mammals. Barcelona: Lynx Edicions, 885p.

ISBN 978-85-68814-01-7



9 788568 814017

